

O Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Br.
2\$ 3\$000 reis.—Numero avulso no proprio dia 20 rs.
Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo
do jornal 50 reis.—Os snrs. assignantes tem 25 por
cento de abatimento.

SUMMARIO

A opposição.
Associação litteraria do Porto de
Martim.
Noticiario.

Secção litteraria :

O amor—*Emilio Castellar*.
Aldeia, (poesia)—*Alberto Corrêa*,
A piedade para com os mortos, e o
culto de sua memoria.
Ruínas, (soneto)—*Alice Moderno*.
Um osculo, (poesia)—*Francisco Cam-
pos*.
Juizo e educação—*R. S.*
Phantheismo, (soneto) — *João Chri-
stosomo*.
A ti, (poesia)—*Annibal Leão*.
A meretriz, (poesia)—*Francisco Cam-
pos*.
Horas vagas—*Narciso d'Albuquerque*.
Folhetim—*Makoum*.

ANGEJA, 18 DE MAIO DE 1887

A OPPOSIÇÃO

SE o estado de decomposição e
ruína em que se achavam as
nossas mais importantes questões
sociaes quando este governo tomou
conta das pastas não justificasse de
sobra a serie de medidas energicas,
que de subito o actual gabinete de-
cretou e poz em pratica, a manei-
ra tumultoaria, arruaceira e ver-
dadeiramente inconveniente da op-
posição, viria certamente agora fun-
damentar esse procedimento rasga-
do e altamente patriótico de gover-
no.

A opposição actual não é uma op-
posição vigilante, patriótica, firme,
professando unidade de principios,
tendo um norte definido. Não é ho-

je um partido, disciplinado e unido,
devido sem duvida à ausencia d'um
espírito superior que os conserve
na orbita dos seus deveres, que os
approxime, que os domine, e que ao
mesmo tempo lhes indique com acer-
to e exito o momento de ataque e as
portas na retirada.

E' infelizmente um grupo ou tal-
vez muitos grupos, reconhecendo um
dia um chefe, no dia seguinte outro,
mais tarde dois ou tres, às vezes ne-
nhum.

Como consequencia immediata,
surge a falta de programma nos seus
trabalhos, a carencia de união e por
tanto de força para entrar de fren-
te nas questões de interesse geral,
onde a sua acção era reclamada.

Como consequencia ainda d'esta
calamidade, verdadeiramente nacio-
nal, cada um dos membros da oppo-
sição segue o seu caminho especial,
e entrando no exercicio d'uma rhetorica
palavrosa ao serviço de questões
banaes, já muitas vezes discuti-
das, convergem todos a um ponto
commum, o de levantar difficuldades
ao governo, impedir-lhe a marcha,
lançar-lhe o descredito, apregoar que
é impotente para governar! E é uma
opposição d'estas que assim proce-
de! Uma verdadeira miseria em mi-
niatura! E' um partido n'estas con-
dições e que ainda hontem desceu
das cadeiras do poder com uma se-
de insaciavel de impostos e com os
creditos do paiz rebaixados, que já
hoje se julga com auctoridade para
ir occupar com vantagem e com o
assentamento do paiz os conselhos
da corôa!

E note-se ainda, para maior con-
demnação sua, que na apreciação
dos actos do governo, por exemplo
na dictadura, não discutem as me-
didas d'ahi provenientes, não mos-
tram a conveniencia ou inconvenien-
cia que a pratica tem exhibido n'essa
serie de reformas, mas contentam-se
em condenar a dictadura em abso-
luto, não attendo ao seu resultado
nem ás circumstancias que a provo-
caram, esquecendo tambem elles,
esses ceusores da dictadura de 86,

que não costumam occupar o poder
sem se encostar a uma dictadura!

E' querem que os tomem a se-
rio?

A proposito d'esse triste aconte-
cimento dado ha dias no seio do
nosso parlamento e hoje já fora da
alcada do governo, tem elles posto
em jogo toda a especie de especu-
lações, cobrindo de censuras e mes-
mo de calumnias o governo e a mai-
oria, pelo *grave delito* de os ministros
terem sido promptos e rigorosos na
captura do snr. Ferreira d'Almeida,
isto é, d'um correligionario seu!

Emquanto a opposição assim pro-
segue no seu caminho imprudente,
arruaceiro e de descredito para o
paiz e para o governo, os jornaes prin-
cipaes de Londres fazem os maiores
elogios ao relatorio de fazenda do
snr. Mariano de Carvalho.

Associação Litteraria do Porto de Martim.

PORTO de Martim é a donomina-
ção d'uma velha aldeia, sita a
uns seis ou sete kilometros a oeste
da vetusta Braga dos mitrados..

Alli, como em quasi todas as al-
deias do nosso descurado paiz, a in-
strucção é planta que custa a arra-
gar-se e a rudeza é sempre o incon-
cusso e altivo escolho que não deixa
abater sua erecta crista, ainda mes-
mo que a mais poderosa onda civi-
lisadora se porfie em dissolver-o, nem
mesmo ainda quando venha, com a
energia d'uma imposição auctorita-
ria e legal.

Roubar estas boas almas,—só da-
das ao revolvimento do torrão e a
algumas orações—do seu equilibrio
habitual e limpá-las do empoeira-
mento da chimera e superstição me-
phitica, é tarefa ardua, difficilima, e
por vezes bem perigosa!

A persistencia na luta, quando
o amor d'instruir é grande; uma for-
ça de vontade que não ceda um mo-

mento á incuria da propaganda e
ducadoura; e sobre tudo a muita hu-
manidade, pôdem, ainda assim, de-
mover tanta reluctancia e colher
honrosissimos tropheos no espinhoso
campo de tão terrivel certamen.

E' assim que Antonio Montinho
Lopes Corrêa, habil, conspicuo e in-
tegrissimo pharmaceutico das proxi-
midades d'aquella freguezia, lança-
do a pedra angular á Associação do
Porto de Martim, tem provado, á so-
ciedade, quanto vale o trabalho e os
lucros espantosos que d'elle se po-
dem auferir. Este nobre cavalheiro,
tendo feito a sua educação litteraria
no Porto, foi dár aquellas paragens,
onde teve os seus primeiros vagidos,
na casa da sua paternidade.

Uma escola primaria que ahí ha
mais ou menos bem dirigida, e uns
premios que o snr. Antonio Martins
da Costa, honrado patriota e alma só
dada ao bem commum, lhe confiou
para distribuir solememente aos alu-
mnos mais distinctos da mesma, re-
presentão todo o incentivo da funda-
ção d'esta sympathica obra, só digna
de louvor e applauso.

E' tambem digno do mais subido
incomio o zelo extraordinario com
que o rev. abbade Villaca reuniu os
seus valiosos esforços aos dois pro-
cedentes, para que esta grande em-
preza fosse por deante. Os tres in-
cansaveis e prestimosos lidadores, a
cujos esforços não tardou muito que
outros se juntassem, iniciaram o seu
programma pela installação d'aulas
nocturnas. Os prenhes resultados
d'esta formosa ideia podem vêr-se
nas boas provas dos alumnos, por-
que ellas lá estão como documentos
authenticos a aprogoar, tão meritoria
medida.

O segundo passo assignala-se no
projecto da fundação d'um estabele-
cimento á altura, que ha de abrigar
uma bibliotecasinha a caracter e para
onde passará a escola de Martim.

Alli continuarão os exercicios no-
cturnos para adultos e crianças, en-
sinar-se ha não só rudimentos de
grammatica e systema-metrico, mas
ainda aquellas materias que mais se

FOLHETIM

DIVERSÕES

(Continuado do n.º 10)

—Com todo o gosto, voltou ama-
velmente minha prima.

O meu espirito ia serenando e
passado um momento de silencio em
colligir as minhas ideias, comecei nos
termos seguintes:

* *

«O coral, minha querida prima, é
muito teu conhecido e sabes tão bem
como eu os usos a que principal-
mente o destinam. E' uma substancia
vermelha, durissima, susceptivel
d'um bello polido e de todos os tem-
pos muito estimado como objecto de
ornamentação.

«Aquella substancia, de natureza
calcarea, é corada de vermelho por
um oxydo de ferro e representa o
esqueleto d'um animal pequenissimo
denominado *Polypo coralleiro*.

«Conhecido dos antigos, era com-
tudo confundido com uma planta
marinha, a qual, sendo molle debai-
xo da agua, diziam que endurecia ao
contacto das mãos e em presença
do ar.

—«Era então essa a ideia que se
fazia do coral?

—«Exactamente; e este erro por
tanto tempo vingou na sciencia e

tão profundas raizes lançou no ani-
mo de todos que, quando um natu-
ralista distincto, Peyssonel, levado
pelas suas importantes observações,
em 1717 affirmava que o coral não
era planta mas sim um animal, nin-
guem o acreditou e até para não o
desacreditarem se fez segredo d'esta
descuberta por alguns annos. E' cer-
to, porém que aquillo foi um estí-
mulo para se proseguir nos estudos
d'esta supposta planta, e em resul-
tado, viram-se perfeitamente confir-
madas as previsões de Peyssonel.
Em 1744 já ninguém duvidava da
animalidade dos polypos e conse-
quentemente da do coral.

«Enriqueceu-se, pois, a zoologia
com mais esta importante descoberta
que veio preencher uma grande
lacuna na serie zoologica.

—«Como sabes, continuei, o co-
ral vive no mar constituindo colo-

nias extremamente populosas. Pare-
ce-se na fôrma com uma pequena
arvore cujo tronco e ramos se carre-
gam de flores que não são senão os
individuos da colonia ou os *polypos*;
a arvore é o *polypeiro*. Foi sem du-
vida a fôrma que bastante concorreu
para ser classificado erradamente no
reino vegetal.

—«Evidentemente, concordou a
prima.

Mas dize-me:— como é que um
animal tão pequenino é capaz de fa-
bricar esses recifes de que a mari-
nhagem tanto receia a approxima-
ção? Como é que se podem formar
essas florestas extensissimas de co-
ral, que forram em certos sitios o
fundo do mar e que dão á agua um
aspecto sanguineo e maravilhoso,
como se aquelles lugares houvessem
sido o theatro d'uma grande luta
em que o sangue dos vencidos

adquem ás exigencias e necessidades do povo da localidade.

Abstemo-nos de fazer elogios a iniciativa tão santa, poupamo-nos a recommendar os passos architectonicos da erecção de tão sublime monumento, porque a grandeza dos factos na sua alta eloquencia, apregoar-se-hão de per si, bradando humanitariedade e gloria para os seus zelosissimos auctores.

Seus socios, já hoje em numero elevadissimos, os muitissimos donativos que já conta, e a sua sabia gerencia são prenuncio de um espantoso e exuberante fructo.

Sem de modo algum querermos dar a grossa lista dos muitos benemeritos que já offereceram valiosos brindes a esta sociedade nascente, passamos, com tudo, a relatar alguns nomes que de passagem vimos inscriptos no cathalogo e nos ficaram de memoria.

Entre elles avultão os seguintes: Snr.^a Condessa d'Elia, 20:000 reis; o Snr. Conde de Paris, 100 francos; Visconde de S. Januario livros de sua lavra e outros; David Corrazi 170 volumes importantes; Monsenhor Couto, muitos e bons livros; D. Antonio da Costa, tambem livros valiosos. Alem d'estes, são immensas as dadivas que tem recebido, mas não temos mão nem mesmo era possivel publical-a aqui, a lista dos generosos brindadores.

NOTICIARIO

Os estudantes do Instituto Industrial do Porto. — Os estudantes do 3.^o e 4.^o annos dos cursos de conductores de obras publicas e minas, frequentando o Instituto Industrial d'esta cidade, reuniram-se ante-hontem e resolveram enviar ao governo uma representação, pedindo:

1.^o Que os alumnos ordinarios ou voluntarios que no actual anno lectivo terminarem os cursos segundo a antiga lei, fiquem isentos da reforma de 14 de fevreiro de 1887.

2.^o Que os alumnos ordinarios ou voluntarios que frequentam o 3.^o anno dos cursos de conductores d'obras publicas ou minas, mas com falta de uma ou duas cadeiras para terminar os respectivos cursos, segundo a antiga lei, sejam sómente obrigados aos exames d'essas cadeiras.

3.^o Que os alumnos ordinarios ou voluntarios que frequentam o 3.^o ou 4.^o anno dos referidos cursos e fiquem reprovados n'algumas das cadeiras que pela mencionada reforma são desdobradas, possam frequentar conjunctamente no proximo anno

lectivo as diferentes partes em que ellas foram desdobradas, e sejam dispensados das cadeiras introduzidas pela citada reforma.

Achamos justissima esta pretensão.

Estamos certos que o governo attenderá estas reclamações, pois não é nada rasoavel que muitos alumnos faltos de meios, vendo no Instituto cursos faceis e curtos em harmonia com as suas posses, se vejam agora obrigados a abandonar suas carreiras por não poderem alli sustentar-se mais dois ou tres annos como a actual reforma exige.

Respeitem os direitos d'estes alumnos e nadã mais applausivel.

Publicação. — E' do mais alto interesse tudo quanto prende com o grande problema da finalidade humana.

Temos pois publicado em traducção algumas das considerações sobre o assumpto, devidas á penna de oiro d'um dos escriptores francezes mais eminentes d'este seculo, e que são um verdadeiro acontecimento no mundo scientifico.

Poder-se-ha talvez por vezes discordar; mas ninguém por certo contestará o seu triplice interesse, perante a religião, perante a sciencia, e perante a sociedade.

Não é decerto, de menor interesse tudo quanto se relacione com o bem estar da familia, quer diga respeito ao porte do marido ou da mulher, quer á educação das filhas. Por isso temos tambem traduzido d'um notavel escriptor hespanhol alguns capitulos a esse respeito.

A maneira benevola comó tem sido acolhidos estes artigos, segundo nos consta, constitue-nos na obrigação de apresentar mais alguns. Creemos que os que formos apresentando offerecerão bastante curiosidade e interesse, porque referem-se principalmente á mulher.

Partida. — Parte hoje d'Angeja para o Gerez, indo pelo Porto e por Braga, o nosso amigo, o snr. Manuel Armenio Rodrigues.

O snr. Armenio Rodrigues tenciona demorar-se no Gerez proxima-mente dois mezes.

Chegada. — Parece que quinta ou sexta-feira proximo chega a Angeja vindo do Porto, o snr. Manoel Maria Ferreira Souto sua mana a snr.^a D. Maria Emilia Souto, Alves. Permaneceram alguns mezes no Porto em tratamento d'uns incomodos que affligiam ha tempo a snr. D. Maria Emilia e Souto Alves, dos quaes se acha, felismente, quasi restabelecida.

As nossas sinceras felecitações a ella e toda a familia que tem sido

infatigavel em debellar aquella doença.

Inquerito agricola. — O snr. ministro das obras publicas officion aos bispos das dioceses do reino, pedindo a sua cooperação para o bom exito do inquerito agricola a que vae proceder-se.

Um exemplo. — Ha dias bateram-se em duello á pistola, em Madrid, um militar e um advogado. A bala do militar penetrando na região do figado do advogado, prostou-o quasi morto.

O seu estado é desesperado. Mais esta severa lição para aquelles que tem a estúpida mania dos duellos.

Ferreira d'Almeida. — Este cavalheiro tem sido na prisão cumprimentado por muitos dos seus amigos tanto de Lisboa como do districto de Faro. Parece mesmo que o snr. Lazaro Cortes, governador civil substituto do dito districto, vem a Lisboa visitar o snr. Ferreira d'Almeida, em nome d'alguns amigos politicos.

Bulgaria. — Falla-se muito em proclamar a independencia da Bulgaria, elegendo para seu soberano um principe da familia Orleans.

Quando encontrará solução esta interminavel questão?

Creta. — Os habitantes d'esta importante e cubçada ilha do Mediterraneo resolveram desobedecer aos funcionarios do imperio ottomano por este se recusar a diminuir-lhes os impostos.

Lavra grande agitação em toda a ilha.

Entrevista. — Principia-se a falar já n'um encontro, n'este verão, dos dois imperadores do centro, Guilherme e Francisco José.

Russia. — Parece que o imperio moscovita tem pouca confiança na antiga amizade allemã e austriaca.

Posto que se não falle agora muito em alianças parece comtudo ser mais facil haver um acordo entre a Russia e a republica franceza, do que entre a primeira e os imperios do centro.

Estreia parlamentar. — E' já hoje do conhecimento de todos a brilhantissima estreia que fez no seio da representação nacional, o nosso amigo o snr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães, filho d'Aveiro e representante em côrtes do circulo de Ovar.

Os jornaes mais importantes da opposição são todos concordes em fazer grandes elogios ao snr. Barbosa de Magalhães, reconhecer-lhe o

seu talento e a carreira distincta que pôde fazer no nosso parlamento.

Que o snr. Barbosa de Magalhães havia fazer honra a quem o elegesse, era logo previsto por aquelles que conheciam a competencia em que elle tem entrado nas corporações administrativas mais importantes do districto.

E' tambem um advogado distincto como tem provado nos tribunaes de Aveiro e Coimbra.

O snr. Barbosa de Magalhães é ainda muito novo.

Estudantes do lyceu. — Partiu para Lisboa uma comissão de estudantes de instrucção secundaria, composta de estudante do Porto e Coimbra, os quaes de acordo com os de Lisboa, vão pedir que os exames sejam feitos segundo o regulamento de 1880.

Julgamento de Julio Cesar Coelho da Fonseca. — Foi hontem como tinha-mos annunciado no numero antecedente, o julgamento d'este cavalheiro no 1.^o districto criminal do Porto, ficando livre da tentativa de homicidio frustado que se dizia ter cometido. Foi condemnado apenas em 6 mezes de prisão correccional por ter feito uso de armas prohibidas, e em um mez de multas. Isto, porem, já se acha compensado pelo tempo que tem estado preso.

Os dignos magistrados d'este tribunal, Silva Lima e Pestana da Silva confirmaram mais uma vez que na magistratura encontra o cidadão o desagravo da sua dignidade ultrajada e o antidoto para todas as intrigas vis, tramadas por espirito mesquinhos e abjectos.

A sessão correu serena. E' que a justiça do reu penetrava em todos os espiritos.

O reu apresentara-se rodeado pelos seus quatro filhinhos, que sobremaneira impressionava toda a numerosa assembléa.

O que houve alli verdadeiramente de notavel, foi o brilhantissimo discurso proferido pelo advogado de defeza, snr. dr. Souza Couto.

Sua ex.^a n'um rasgo de eloquencia fez uma felicissima allusão ás quatro creancinhas que rodeavam o reu, seu pae, e ao leito de miseria em que jazia sua mãe, commovendo profundamente o selecto auditorio. Se sua ex.^a não fosse já bastante conhecido nos tribunaes do Porto, o discurso de hontem seria o sufficiente para elle conquistar os foros d'um bom advogado.

Caldas do Gerez. — Foi segunda-feira alli inaugurada a estação—telegrapho postal.

E' já grande o numero de hospedes installados nos hoteis principaes.

operasse aquella mudança de côr?

«Era precisamente o que ia explicar-te depois de ter fallado da reproducção do coral. Ora ouve. Já te disse que o polypeiro é uma colonia de individuos dispersos pelo tronco e ramos da arvore coralleira — chamamos-lhe assim. Cada um d'estes individuos gera uma enorme quantidade de ovos, que, depois de fecundados, dão nascimento a outras tantas larvas, que se movem muito agilmente na agua, adherindo com a maxima facilidade aos obstaculos que encontram.

Cada uma d'ellas em seguida á sua fixação torna-se globulosa e pouco depois é o fundamento de uma nova colonia.

Accresce ainda a reproducção por meio de gommos que dá por seu turno origem a todo um povo de coraes.

«Não é difficil comprehender agora que atravez de milhares de seculos o mar se ache tapetado a coraes nos sitios onde elles se produzem constituindo com os seus detricos, com as algas e diversas outras plantas que constantemente arroja de si, florestas inextricaveis ou recifes perigosissimos, como dizes, á navegação.

«Succede até que os polypos coralleiros, cooperando na mesma obra com os seus congenes — os *madeporarios* — tem formado ilhas de uma feracidade espantosa e d'uma extensão consideravel.

«D'uma feracidade espantosa observou minha prima um pouco incredula.

«Sim, e eu te explico. Concedes perfeitamente que as florestas submarinas d'estes polypos cresçam até chegarem á superficie do ocea-

no e que desde esta occasião o seu desenvolvimento continue.

«Temos pois uma ilha ou ilhota já formada. Vejamos como ella se ha-de tornar propria para a vegetação.

«As algas vem enredar-se n'aquellas verdadeiras florestas de coral e com ellas todas as plantas que o mar lança de si; e ao mesmo tempo a superficie vai-se cobrindo do guano de milhares de passaros que fazem d'ellas sua habitual moradia. Não tarda então que sobre as ilhas de coraes se desenvolva uma vegetação activa e abundante.

«E' portanto, evidente a grande importancia d'estes animaes que desempenham e desempenham ainda hoje um papel notavel na constituição da crusta do globo.

«Pouco mais se me offerece a dizer-te ácerca do coral: dir-te-hei só-

mente que a sua pesca tornou-se um ramo de commercio importantissimo. No anno de 1853 extrahiram-se de Bona e Callé, costas proximas de Tunis, 35:800 kilogrammas de coral que produziram o valor bruto de 343:680\$000 reis.

«Foi empregado outr'ora na medicina, mas hoje só tem a estima das dentistas que o aproveitam como base de uns pós dentificos e das *elegantes* de todo o mundo que o usam em adereços variadissimos».

(Continúa).

Makoum.

SECÇÃO LITTERARIA

O AMOR

A luz que baixa do ceo, que inunda com a sua purissima vida toda a creação, é o amor; sim o amor universal fecundando a flor, a ave, a agua, todas as coisas que se sentem feridas e animadas pelo seu fogo.

A flor treme, sacode as petalas palpitantes de prazer e derrama sobre a terra a semente, tributo do seu amor. Os seres inorganicos unem as moleculas e fervem abrasados pela electricidade, — delirio do amor da natureza. A lua vae seguindo a terra, e a terra rejubila quando o sol e as estrellas volteiam em redor de Deus como a mariposa em torno da chama, e os espaços são o immenso leito dos amores do mundo. N'um raio de luz um astro manda a outro um beijo d'amor.

O ar suspende-se sobre a terra, canta-lhe amores nos seus doces murmurios, pinta-lhe illusões nos seus horizontes azues, refresca-o com o seu orvalho: e a terra absorvendo-lhe a vida e transformando-a em amor, povoa-se de arvores frondentes. Os seres occultos na gota d'agua, no grão de pó reproduzem-se, crescem, desenvolvem-se ao impulso do seu amor.

As mariposas rompem a larva, batem as azas e celebram as suas nupcias com a flor, cujo aroma embriaga de prazer.

Além, no fundo das cavernas, o leão, o tigre, o magestoso elephante, entregam-se aos seus amores, e as fêmeas acarinham os filhinhos com o zeloso espirito da maternidade que se debuxa na luz dos seus olhos.

A agua vae correndo sobre a terra, retratando o ceo, para produzir flores no seu amor.

A calhandra quando ao nascer do sol levanta o seu vôo ao infinito impulsiona-a o amor; a andorinha quando corta os ares com as rapidas azas negras, busca os seus amores: o rouxinol quando ao declinar o dia se suspende na rama das arvores e eleva a o canto melancholico que vae crescendo em notas dulcissimas como se quizessem tocar os ceos, canta, canta o seu amor, e a palpação d'esse amor commove, como se o seu coração fosse immenso, os ares.

Oh! O amor sustem ao estrellar no infinito, a atmosphera sobre a terra, a molecula unida á molecula acende o grande forno da vida, o fogo: dessedenta na sua immensa catarata, que veem de Deus, todos os seres: derrama da sua inexgotavel cornocopia as sementes de todas as coisas, e palpita sempre um, sempre identico no seio da creação.

Emilio Castellar.

ALDEIA

Aldeia, aldeia! ó berço em que nasci! se um dia o permittir a minha sorte, eu hei-de procurar junto de ti o meu berço final—berço de morte!

Eu adoro os teus prados verdejantes, a sombra dos teus bosques solitarios, os teus riachosinhos murmurantes, eu adoro os teus pobres campanarios!

E's a téla primor da natureza, o oásis tentador na travessia d'esse deserto—a vida—em que a vileza nos rouba a paz, o amor, toda a alegria!

Quem se acolhe ao teu lar singelo e rude, encontra-o sempre aceso, e a pomba branca da lealdade sa e da virtude, a recebel-o á porta, alegre e franca.

Aldeia, aldeia! ó fonte enexgotavel de tudo quanto é bello e puro e santo; dez annos aspirei teu ar saudavel, devo-te a vida pois—é teu meu canto!

Alberto Corrêa.

A piedade para com os mortos, e o culto da sua memoria

Não deve recear-se a morte. E' uma transição insensivel d'um para outro estado. O prazer de morrer. Impressões dos moribundos. A exaltação das faculdades intellectuaes no momento da morte. O chamado canto do cisne.

[Continuado do n.º 10]

E' um facto bem conhecido que a etherisação provoca quasi sempre sensações agradaveis; que os doentes immersos no somno provocado pelo ether ou pelo chloroformio, não só não soffrem d'este estado, senão que, em geral, teem o espirito occupados de doces phantasias. Ora o que é o estado de anasthesia? o que é a etherisação? E' uma asphixia que levada um pouco mais longe, produziria certamente a morte. E' o começo da morte, é uma imminecia de morte por asphyxia. Eis uma nova prova de que a morte por asphyxia não é dolorosa, e deve acompanhar-se de impressões Moraes, que nada teem senão de agradável.

As cynopes, os desmaios, veem sem dor e acompanham-se de uma especie de deleite inconsciente. Ora o desmaio, a syncope, não é senão um estado de morte temporaria.

Não queremos exaggerar esta these nem dizer com Rulhière: «agonisar é um prazer extremo.» Esperamos somente que estas considerações, por mui rebatidas que sejam, terão aos olhos dos nossos leitores a vantagem de adoçar um pouco o horror natural da ideia da morte...

Os medicos que não observados os agonisantes, teem feito algumas observações que vamos resumir.

Primeiramente é mister pôr de parte as mortes occasionadas por doenças que tiram a propria consciencia. Estes casos são numerosos.

Citamos, por exemplo, os mortes por effeito de apoplexia cerebral ou pulmonar, as mortes subitas pela ruptura de aneurisma, ou por affecções do coração occasionadoras d'um accidente rapidamente fatal. Em todos estes casos, paralyçados os orgãos da palavra, o moribundo nada pode exprimir.

Para conhecer as pensamentos que occupam os agonisantes, é mister, pois, considerar os que conservam até ao ultimo sopro da vida a integridade das suas faculdades intellectuaes, os que teem toda a sua cabeça, como se diz. E' certo que para elles a agonia é muito calma. Os tísicos, os feridos, os que succumbem a uma affecção do estomago ou do tubo intestinal, a estas febres len-

tas que consomem as forças sem alterarem as faculdades intellectuaes, os dysentericos, os hydropicos, os quaes conservom todos até ao derradeiro instante a plena posse de sua intelligencia, morrem com uma grande tranquillidade e quasi com satisfação.....

Ha certamente um periodo que dura muitas vezes algumas horas, no qual, retirada a vida completamente do corpo, é já um cadaver que os assistentes teem sob os olhos, e este cadaver agita-se e falla ainda. Porém a alma que sobrevive n'este corpo já gelado e realmente morto, não é a alma do homem terrestre, é já a do ser sobrehumano. O agonisante tem a consciencia e talvez mesmo o espectáculo anticipado das ineffaveis venturas que o esperam no mundo novo, em cujo limiar elle toca, e exprime a sua felicidade com palavras ou com seus olhares...

Muitos agonisantes creem aperceber luz, e algumas vezes como um grande fogo. E' sabido que Goethe, morrendo, exclamava: *Luz! luz!* Elle apercebia certamente uma clareza extraordinaria. Não era a clareza dos ceus novos?...

Uma antiga criada de minha familia, a boa M., morreu, em 1870, de velhice e sem doença apparente (tinha 96 annos). Viamol-a extinguir-se como uma alampada que não tem mais alimento. Ora facil foi verificar, que n'ella a vida desaparecera antes da alma.

Com effeito, durante dois dias seu corpo era frio e seu pulso nullo. Entretanto esta boca, já geleda pela morte não cessava de fazer ouvir as mais edificantes palavras. A pobre mulher dizia ter um pé no paraizo, e exprimia a sua impaciencia de retirar o outro da terra. Ensaava descrever os espectaculos que entrevia no infinito celeste...

Este estado extraordinario em que os moribundos estão metade sobre a terra e metade no dominio novo a que são destinados... explica-nos as palavras algumas vezes sublimes, que sahem de seus labios desfallecidos.

Um homem sem instrução e d'uma condição miseravel exprime-se, no leito da morte, com uma eloquencia, que fica um problema para os que o escutam.

O vulgo deu um nome a estes relampagos de razão, de espirito ou de genio, que os moribundos manifestam: chama-se proverbialmente o *canto do cisne* a estas derradeiras e brilhantes expressões do pensamento d'um moribundo.

Assim se explicam as profecias feitas pelos agonisantes, e que os acontecimentos veem mais tarde confirmar. Os moribundos teem o conhecimento de factos de que não haveriam tido a menor noção se tivessem participado das condições communs da especie humana. E' por isso que é necessario recolher com religioso cuidado as suas ultimas palavras, e conformarmo-nos escrupulosamente com as vontades que elles manifestam.

[Trad. do francez.]

RUINAS

As minhas illusões aureoladas pelo brilhante sol da mocidade, eu vi cair no chão, estranguladas pelas garras brutas da realidade,

Bem assim como as gothicás arcadas de uma igreja, primor da antiguidade, aniquillam as mãos escalavradas do tempo, esse ancão sem piedade.

E' esta a lei fatal!... quantos imperios transformados estão em cemiterios onde insepultos jazem alguns ossos!

Tambem na minha mente entristecida, ao divisar os pelagos da vida, só encontrei ruinas e destroços?

Alice Moderno.

UM OSCULO

Vistes alguma vez como desperta Do lethargo um pensador, Quando se lhe colloca no hombro a mão? ... Assim minh'alma aberta Pelas settas do Amor, Estremeceu quando ella, os labios seus, Quentes como a paixão, Collou-os casta e docemente aos meus.

Porto, 87. Francisco Campos.

JUIZO E EDUCAÇÃO

[Continuado do n.º 10]

Quando vossas filhas hajam escolhido um noivo, cujas boas qualidades lhe granjeiem a preço, ainda vos resta bastante a fazer.

Não consiste a difficuldade em escolhel-o, mas em saber se ao effectuar a escolha, se ha procedido com acerto. Em regra vossas filhas não devem tratar seu noivo como se fóra seu marido.

Certas confianças desagradam aos homens, em vez de atrail-os. Pescador que não segure bem a isca, não apanhará um peixe em toda a sua vida. Como appendice a esta regra, não premittaes que escrevam muito. Persuadi-as a que, quando escrevam uma carta, o façam de maneira a poder ser lida em publico em qualquer occasião. D'este modo não escreverão nada que possa vexal-as, evitando-se a vergonha que muitas vezes supportam por demasiada livindade.

Quasi todos os noivos se gloriam depois mostrando a toda a gente as cartas de suas amantes, como trophéos d'uma victoria.

E alguma d'essas cartas, escripta em momentos de loucura, pôde commentar-se de maneira que rebaxe a dignidade de quem a escreveu e o decoro de sua familia. As mulheres tem o defeito de escrever as coisas antes de medital-as.

Procurae que vossas filhas tenham sempre muito más pennas para que escrevam pouco, e em raras occasiões.

Tenho dito o que deveis fazer, dado o caso que vossas filhas tenham noivo, e como devem encaral-o; porém é ainda mais importante apresentar-se aos olhos do noivo, pois, cada qual procede consoante o que vê.

Tudo no mundo tem dois valores, absoluto e relativo.

Porém a mulher vale o que quer, segundo o lugar onde se colloca. Ha familias pobres que tem muito boa consideração social. E' isto uma desgraça para as filhas, porque seu exterior e sua fama atraem boas conveniencias, mas quando veem que a posição não tem base, arrependem-se e retiram-se.

Este seculo, egoista por excellencia, é o seculo do aparato. Epochas em que todos pretendem aparentar mais que o que são.

Porém, quanto o aparato se levanta e surge a realidade, o exclusivismo do seculo desaparece. Se vos encontrardes n'este caso, deveis renunciar o exterior. Deveis fazer o sacrificio de não aparentar mais do que o que sois, para que vossas filhas não causem um desgano e o não recebam em troca.

Ha tambem muitas jovens ricas cuja riqueza as priva muitas vezes d'um marido. A culpa é igualmente dos paes.

Porque vossas filhas tenham dote como dois, não quereis casar-as com um homem apreciavel que tenha dote apenas como meio.

Assim é que para deitar a rede a um pescado grado, evadem-se os pequenos, entre as malhas, tomam medo os medianos, não apparece o grande e por fim ficaes sem nada.

Já vos disse em outra occasião: fugi das inconveniencias da conveniencia.

Não deveis ser absolutos e ambiciosos, nem enganais com a mentira porque é facil ficardes enganados.

A proposito do assumpto vou dirigir quatro palavras ás mães: é exclusivamente a ellas que me dirijo. Tratando-se de seres que tanto respeito, é penoso ter de duvidar do seu sentido commum. Porém ha certas mães que perdem esse sentimento desde o momento em que suas filhas tenham um noivo. Um, alucinadas pelo seu carinho maternal, deixam-n'as ao maior abandono; consentem-lhes toda a sorte de liberdades; encobrem a seus paes todas as faltas; e em vez de ser o guarda de sua honra, convertem-se em complice da sua deshonorra. Complice innocente, guiado pelo melhor desejo, porém complice sempre.

Para que serve a experiencia dos factos, dos homens e das coisas?

Absolutamente para nada. A experiencia das mães é muito profunda em theoria, muito ignorante na pratica. Uma mãe encara o horizon-te de suas filhas muito differente de quando ella foi noiva.

Desconhece as coisas, os factos e os homens. Encontra-se tanto ás escuras como suas filhas. E é porque suas mães se enamoram, amam e se casam duas vezes. E' porque o noivo de suas filhas é tambem seu, com ellas ri, soffre e chora, longe de ser uma discipula ignorante e uma mestra que ensina e corrige, são duas discipulas que commettam torpezas duplamente.

E' triste que o excessivo amor materno produza taes effectos, porém não pôde negar-se que os produz.

Outras mães vão mais longe ainda e por diverso caminho. Transformam suas filhas em effectos e ellas transformam-se em vendedeiras. Nascidas com grande talento mercantil, e dispostas a negociar com tudo querem fazer negocio com suas filhas e despachar o genero com o conveniente lucro.

Desditosas filhas que tem uma enganadora por mãe.

Julgaes que essas coisas podem

agradar aos homens? Essas coisas não são mais que uma burla. Não podem inspirar senão despreso.

(Conclue).

R. S.

PHANTHEISMO

(a Antonio Augusto d'Araujo Leão Martins)

Ver, ao longe o luar, nos verdes da montanha,
Cahir indifferente assim como que beijos
Pedidos a um saciado amante em vis desejos;
Ouvir o marulhar das aguas, quando em sanha.

Se colleiam, fervendo, em rocha enorme, estranha,
E seguirem, depois, cançadas, mansamente,
Por entre os salgueiraes que oscillam brandamente;
Olhar como o nevoeiro a pouco e pouco se apanha,

Para se dilatar em fascinantes cores,
Deixando humida a relva—os seus leaes amores—
Quando sobe indolente á vastidão etherea,

—E como que sentir o labutar enorme,
D'esta massa grandiosa, uberrima, uniforme:
As Leis da gravidade, a Vida da materia...

Algures, junho de 85.

João Chrysostomo.

A TI!...

(L. A. F.)

Tu és um lyrio, uma rosa
com todo o viço e frescor;
e és como a mariposa,
quando me fallas de amor,
quando vóa, donairoza,
a saltar de flor em flor!

E se és como a mariposa
quando me fallas d'amor,
é que dizes, mentiroza,
que me adoras com ardor....
e sorriste, donairoza,
desfolhando flor por flor...!

16-5-87

Annibal Leão.

A MERETRIZ

O' pallida mulher, ó loura meretriz!

Gomes Leal

... E ella tão creança ao encarar a fome
Foi de noute a chorar ao lupanar distante
Pedir consolação para a dor que a consome
E uma esmola; mas viu o braço d'um amante.

Aterrada ante o vicio a virginal creança
Fugiu... fugiu... mas ai! foi como a mariposa
Que rodeando a luz em frenetica dansa
Na chama vae achar a morte indecorosa.

...Passou e viu-te a olhar a ponta d'um punhal,
Julgou ver no teu rosto o sangue de seu pae
E tremula d'horror a pomba virginal
Ficou parada alli sem forças para um ai.

E que fizeste, vil? Aproveitaste o pasmo
D'essa innocente rola—a pobre maravilha...
Deus que fará a quem—oh! infame sarcasmo!
Primeiro mata o pae, depois desflora a filha!

E ella ao despertar d'esse fatal desmaio
Achou o seio nú exposto ás gargalhadas,
E como flor mimosa—a casta flôr de maio
Tombou da haste alfim sobre o pó das estradas.

Perdeu os paes e amor, perdeu os sonhos bellos
Que sempre vem na infancia ornar a do matiz.
—A' face desbotada encostam-se os cabellos
Quando o povo ao passar lhe chama meretriz.

Porto—87.

Francisco Campos.

HORAS VAGAS

LOLOGRIPHO

Ao auctor dos Triolets

Eu vi-te candida flor,—7, 5, 4, 5, 6

Passeiando em teu jardim

Com angelical palôr

Eu vi-te candida flor.—1, 4, 1, 4, 3.

Ao pé do lacteo jasmim,

Sorrires do meu amor.

Eu vi-te candida flor,—2, 1, 7, 1, 6, 2

Passeiando em teu jardim.

Longe tão longe da gente,

Não vias tu minha dor,

Talvez vivesses contente

Longe tão longe da gente.

Ah! quantas vezes ausente,

Ao sorrisos minha flor,

Longe tão longe da gente,

Não vias tu minha dor.

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

DECIFRAÇÕES DO N.º ANTERIORE

Da charada: — Primavera.
Do logogrifho: — Rosalina.

ANNUNCIOS

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^ª

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL, tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já hem conhecida a superioridade d'estes vernizes.

Dá-se amostras a quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 25000 reis.

Desconto para revender.

IMPRESA REAL DE PEREIRA DA SILVA

43, Praça de Santa Thereza, 45

— PORTO —